

Apresentação

Jose Antonio Kelly Luciani

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil
E-mail: kamiyekeya@gmail.com

Em agosto de 2011 o professor Roy Wagner realizou, a convite do Departamento de Antropologia da UFSC, sua primeira visita ao Brasil. Essa visita acabou sendo uma verdadeira maratona acadêmica de pelo menos 13 palestras e apresentações audiovisuais em seis universidades brasileiras: UFSC, UFAM, UFRJ, USP, UFMG e UnB. Essa visita não só respondia a recente publicação no Brasil de sua obra emblemática *A invenção da cultura* (2010), mas também a crescente influência de sua obra na antropologia feita no Brasil, tendo se tornado leitura obrigatória em boa parte dos programas de pós-graduação em antropologia no país.

Na UFSC tivemos o imenso prazer de organizar o Seminário Antropologia de Raposa – um trocadilho transtetnográfico do título de seu mais recente livro *Coyote Anthropology* (2010). Vários antropólogos foram convidados a dialogar, a partir de diversos ângulos e de distintas experiências etnográficas, com a obra de Wagner, colocando-a em relação com outras fontes de inspiração antropológica.

Nesse seminário contamos com *papers* do próprio Roy Wagner, de Scott Head, Sônia Maluf, Evelyn Schuler Zea, Jose Kelly e Justin Shaffner, os quais estão aqui reunidos. Além desses, também contamos com a apresentação de *papers* de Eduardo Viveiros de Castro e

Marcela Coelho de Souza, e uma mostra por Roy Wagner e Justin Shaffner de imagens de seus trabalhos de campo. Estamos agora preparando uma coletânea de todas essas apresentações, em versões expandidas, que será publicada em 2012. O artigo aqui publicado de Roy Wagner é um capítulo de um livro em preparação: *The Place of Invention (O lugar da invenção)*.

É de destaque que todos nós que tivemos o prazer de apresentar e discutir nossos trabalhos com Roy Wagner fizemos o esforço de inventar – para falar nos termos do próprio Wagner – a partir da obra do autor, e não simplesmente “aplicar” – como se costuma dizer – seus conceitos e teoria. O leitor verá nos artigos os conceitos wagnerianos entremeados com outros derivados do estruturalismo, feminismo e marxismo, e envoltos em contextos etnográficos que não se limitam à literatura amazonista ou melanesista – o lócus, até o momento, mais visível do rendimento wagneriano na antropologia feita no Brasil. Os artigos aqui reunidos incluem reflexões sobre as chamadas sociedades complexas e as fontes extra-antropológicas de conceitos (Maluf), e o papel da escrita e da performance na elaboração de uma antropologia do sujeito (Head). Ambos os trabalhos mostram as possibilidades de diálogo com o trabalho de Wagner em contextos tipicamente abordados com outras caixas de ferramentas analíticas e que, para alguns (mal)entendidos, não são campos suscetíveis a serem pensados por meios que supostamente derivam seu potencial da alteridade a que nos remetem a Melanésia ou as Terras Baixas da América do Sul. Estão também presentes reflexões que colocam em relação formas de criatividade dos povos amazônicos (Schuler Zea e Kelly) e melanésicos (Shaffner) com a semiótica wagneriana e o perspectivismo multinatural, numa espécie de recursividade simetrizante de teoria e etnografia.

Não poderia eu finalizar esta breve apresentação sem mencionar que para nós, e acho que para todos os colegas não só na UFSC senão também nas demais universidades, a oportunidade de trocar formal e informalmente com Roy Wagner foi uma espécie de refrescamento intelectual, cujo resultado com certeza ficará registrado em trabalhos futuros. A organização desse seminário e das

demais atividades nas universidades brasileiras constituiu ao mesmo tempo um tributo e uma retribuição a um dos antropólogos mais estimulantes da atualidade, no verdadeiro xamã do sentido. Conhecer pessoalmente os grandes autores sempre incorre no risco de nos desiludirmos. Não foi o caso de nossa experiência com Roy Wagner: mais que iludidos, ficamos alucinados com sua genialidade e generosidade sempre revestidas de um humor (ou *wit*, como se diria em inglês) sem par. Sabemos, para finalizar, que sua passagem pelo Brasil e seus antropólogos (professores e alunos) também foram, para Roy Wagner, revitalizantes, numa época em que em vários cantos da antropologia se percebe, como já falou Jaques Lizot, um estado avançado de delinquência.